

## VIOLÊNCIA



Fotos: Lays Peixoto/Estágária

Ruth Vasconcelos disse que todos os envolvidos no combate à violência devem atuar como missionários

## CEI dá início a debates na Câmara de Maceió

“Por que os jovens morrem em Maceió?” foi tema da audiência de ontem; a próxima acontecerá no dia 16



Lays Peixoto

lagunar, onde 43% das crianças não frequentam a escola pública, o que os leva a participar diretamente dos grupos de risco.

DAYANE LAET\*  
redacao@mais.al

Dezenas de pessoas compareceram, ontem, à Câmara Municipal da capital para a audiência pública que teve como tema “Por que os jovens morrem em Maceió?”, proposta pelo vereador Ricardo Barbosa, que integra a Comissão Especial de Investigação (CEI) da violência. Autoridades políticas, representantes da sociedade civil e especialistas na área da violência explanam sobre o assunto, que atraiu, ao plenário, diversos familiares de vítimas da violência no Estado. A audiência foi a primeira promovida pela CEI.

Os debates contaram com

professores das áreas de ciências sociais da Universidade Federal de Alagoas (Ufal), Ruth Vasconcelos, Elaine Pimentel, Jairo Calado Cavalcante, Fátima Albuquerque, Edson Bezerra e Luís Sálvio de Almeida. De acordo com o professor Jairo Cavalcante, dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) do último censo apontam que as maiores vítimas da violência no Estado são jovens do sexo masculino com idade entre 15 e 24 anos.

Ainda de acordo com o professor, os números estabilizaram nos altos índices, o que precisa ser combatido com mais veemência. “Ou reduzimos as estatísticas, ou as consequências serão irreversíveis”, declarou. “Alagoas vive uma epidemia, considerando o número de mortes de jovens”, acrescentou.

Durante a apresentação dos dados do IBGE, foi divulgado que a região mais crítica de Maceió envolve todos os bairros que margeiam a orla

## PROTESTO

Sentado na área destinada à população que acompanhava a apresentação da CEI da violência, o auditor aposentado do Detran, Sebastião Pereira dos Santos, acompanhava a tudo segurando fotos de seu filho, Carlos Roberto dos Santos, morto em 2004 com 21 tiros de metralhadora, no bairro do Benedito Bentes.

De acordo com Sebastião, o corpo de seu filho sumiu após ser trasladado ao Instituto Médico Legal, e por isso, a família nunca pôde enterrar Carlos Roberto. “Minha esposa faleceu após anos de depressão. Ela não se conformava em não ter se despedido de nosso filho”, falou Sebastião. “Nossa indignação é pela falta de explicações”, disse, emocionado.

## Só neste ano, 478 jovens foram assassinados

De janeiro a junho deste ano 478 pessoas com idade inferior a 24 anos foram assassinadas em Alagoas. No mesmo período do ano passado foram 407 mortes violentas nesta mesma faixa etária. Durante todo o ano passado, 882 das vítimas de homicídio em Alagoas tinham idade entre 0 e 24 anos.

Deste total, 839 eram homens e 43 mulheres. De todos os assassinatos praticados em 2011 na capital, 459 eram crianças, adolescentes e jovens, número bem superior aos total registrados nos outros 101 municípios, que tiveram

ao todo 383 vítimas.

Na capital, a região que lidera os crimes de homicídios contra crianças, adolescentes e jovens é o Tabuleiro do Martins, em especial os bairros do Clima Bom, Village Campestre, Cidade Universitária e Santa Lúcia; seguido do complexo Benedito Bentes; Vergel do Lago, com mais ocorrências na Levada e Vila Brejal; e em quarto lugar está a região do Jacintinho.

Para a professora da Universidade Federal de Alagoas (Ufal) Fátima Albuquerque, a quantidade de crimes não é o que mais

impressiona, mas a crueldade com a qual são cometidos. “São assassinatos brutais, que a cada dia nos surpreendem devido à violência com a qual é praticado”, disse Fátima Albuquerque. “Precisamos reconstruir os relacionamentos familiares para recuperar nossas crianças”, disse.

A escritora Ruth Vasconcelos também esteve presente e destacou que não é fácil trabalhar uma temática tão forte e que todos os envolvidos devem lutar como missionários, tendo em vista os resultados, visíveis apenas em longo prazo. “Não é prazer, mas o

peso da responsabilidade em mudarmos o quadro da violência em Alagoas”, discursou Ruth Vasconcelos. “Precisamos impor limites às nossas crianças, para mais tarde não termos que arcar com o resultado da intolerância à frustração. Se não fizermos nada, nossas crianças serão adultos sem preparo para enfrentar as dificuldades da vida”, concluiu.

A CEI da violência durou todo o dia e terá continuidade na próxima segunda-feira, quando as lideranças dos movimentos públicos terão a oportunidade de contribuir com idéias e opiniões. D.L.